

# MAGAZINE

■ SHOW

■ CULTURA ■ GENTE

**Estação Gourmet Buffet**  
**Estação Gourmet Buffet**  
**Momentos deliciosos e irresistíveis.**  
 Pátio Belém, 3º piso Av. Magalhães Barata, 1005

## A busca como tema

Na nova trama das 6, "Amor Eterno Amor", uma procura constante. **Página 7.**

## Em memória de Bob Marley

Fãs paraenses dizem que o músico jamaicano continua vivo no reggae que se difunde. **Página 5.**

**OLIBERAL**



**Cristovão Tezza trocou a sala de aula pela arte de escrever ficção**

# “O romance é inesgotável”

**Em entrevista exclusiva, o premiado autor curitibano fala de suas obras e da tarefa de escrever, que transformou em seu “trabalho”**

**IRAN DE SOUZA**  
Especial para O LIBERAL

Prestes a completar 60 anos, o escritor Cristovão Tezza só pode ter adquirido o dom da onipresença! No Rio de Janeiro, uma das melhores peças da temporada de verão é baseada em seu livro “O Filho Eterno”. Nas livrarias de todo o país, é fácil encontrar títulos do autor curitibano, a começar pelo mais recente, “Beatriz”, além de antologias das quais ele participa. No exterior, as traduções dos romances de Tezza se multiplicam entre a Europa e a Oceania. E os prêmios, de cá e de além-mar, já compõem uma bela coleção que inclui o prestigioso Jabuti e o muito bem pago Portugal Telecom.

Tal onipresença certamente exige disponibilidade. E Tezza, professor doutor de linguística com bela carreira acadêmica, pediu as contas à Universidade e agora vive de e para escrever, e publicado por uma grande editora e participa diretamente da promoção de seus livros, locomovendo-se entre palestras, feiras literárias e noites de autógrafos. Devotado à arte do romance, ele discorda de quem suspeita que esse gênero narrativo esteja esgotado na pós-modernidade. “O romance absorve tudo, todas as influências, todas as contribuições, recriando-as à própria maneira. Isso não tem fim”, disse o autor durante uma palestra em Curitiba no final de 2011. Palestra, aliás, que permitiu o contato para a entrevista que você vai ler a seguir.

■ Seu novo livro, *Beatriz*, é de contos, embora você afirme que a narrativa curta não é sua grande arte. Realistas, sutis, sem desfechos de impacto, suas histórias me lembraram as de Raymond Carver. Essa comparação faz algum sentido para você?

□ Carter é um contista extraordinário, que admiro muito. Mas nunca pensei numa eventual influência direta dele. Talvez por tabela, já que o chamado “realismo americano” é uma das mi-

nhas mais fortes referências literárias.

■ Em *Beatriz*, no conto *Viagem*, o personagem, o escritor Paulo Donetti, ironiza “o velho e superado narrador onisciente”. Ele fala por você? O narrador onisciente - à moda Saragama, por exemplo - está ultrapassado em sua opinião?

□ De modo algum. A ironia é do Donetti, não do autor

**“O Filho Eterno consolidou o meu estilo ou uma vertente da minha linguagem”**

do conto... Em literatura, nenhuma categoria pode ser considerada “ultrapassada”. A noção de narrador onisciente é em geral muito vaga, e precisa ser mais bem especificada. É preciso distinguir, por exemplo, “narrador onisciente” de, digamos, “narrador autoritário”; é preciso observar o que o narrador de fato sabe quando conta o que conta. Estou terminando um ensaio não acadêmico, com toques autobiográficos (“O espírito da prosa”, a sair agora em 2012 pela Editora Civilização Brasileira) que, entre outras coisas, trata desse tópico.

■ Você disse que *O Filho Eterno*, uma narrativa semi ficcional, foi deliberadamente escrita de maneira objetiva, sem grande investimento na prosa poética. É um caso isolado em sua obra ou consolidou, na verdade, o seu estilo?

□ *O Filho Eterno* consolidou o meu estilo, ou pelo menos uma vertente da minha linguagem que comeci a usar em breve espaço entre cor e sombra e amadureci em *O fotógrafo*. É o que eu poderia chamar de “mergulho na intimidade” através da própria sintaxe da frase. É fato que O

Filho Eterno tem uma “pegada” agressiva, objetiva, que vai sempre direto ao ponto, mas de modo algum considero que seja um texto desprovido de poesia.

■ García Márquez, ao receber o Nobel há 30 anos, confessou que dialogar com os “espíritos esquivos da poesia” era o desafio e a motivação do seu trabalho como narrador. Essa exuberância neobarroca que fez escola na América Latina e no mundo teria sido o último jorro do Modernismo na literatura? Ou seja, o tempo agora é outro e o discurso literário também mudou?

□ Não sei dizer; ou, pelo menos, não me sinto tentado a generalizar nesta área. Acho que há especificidades latino-americanas que não se confundem com a linguagem literária europeia ou americana. Há toda uma fortíssima tradição narrativa de língua inglesa, por exemplo, que passa ao largo do impulso barroco de raiz ibérica, e nem por isso deixou de ser moderna em vários momentos. O próprio conceito de “modernismo” é uma construção histórica datada, um olhar retrospectivo. É difícil flagrar o instante presente. Mas, sim, os tempos são outros e, portanto, também são outros os discursos.

■ “A vida é feita de infância”, diz um dos personagens de seu romance *O Fotógrafo*. A psicanálise pulsa em sua obra, não? Como autor,

você toma necessariamente a escrita como um exercício de análise e autoanálise como sugere *O Filho Eterno*?

□ Não, jamais fiz da minha literatura um campo de autoanálise. É claro que fui influenciado pela psicanálise, ou pelas questões psicanalíticas, mas não decorrentes de uma experiência pessoal objetiva, digamos assim. Nunca fiz análise, a propósito. Mas fui um leitor bastante atento de Freud, Jung e Reich, nos meus anos de formação.

■ Da psicanálise para a ética. A relação com o outro - entre pai e filho com Síndrome de Down, entre professor e orientanda, entre psicanalista e paciente, entre amantes, entre escritor e plateia, entre *Beatriz* e seus clientes incomuns - me parece central em sua obra, que assim adquire contornos éticos, logo filosóficos. Seu exercício literário busca deliberadamente fazer esse discurso?

□ É estranho, mas verdadeiro: nunca escrevi uma só linha objetivamente, sabendo o que queria fazer. Ao escrever, enfrento situações concretas criadas pela linguagem e minha relação com o mundo; e o texto avança criando suas próprias referências, às vezes surpreendentes até para mim. Depois, relendo e pensando a frio, tenho uma certa visão do que faço, ou das consequências do meu texto como constituição de um olhar singular sobre o mundo, que para mim

é uma função central da prosa romanesca. Sim, as questões éticas são fundamentais no que escrevo, mas elas aparecem sempre antes como questões do que como respostas.

■ O professor Cristovão Tezza pediu baixa da Universidade Federal do Paraná, como se sabe. Mas o linguista deixou alguma influência sobre o contador de histórias?

□ Não. A Universidade influenciou bastante o meu discurso ensaístico, digamos assim, o meu olhar crítico. Mas acredito que teve pouco efeito na minha ficção. Pelo menos é minha esperança...

**“Ao escrever, enfrento situações concretas criadas pela linguagem”**

■ Curitiba é o cenário de suas histórias e para nós, leitores, a cidade remete necessariamente a Dalton Trevisan, a quem você presta homenagem em seus livros, citando-o. Qual a sua relação pessoal com Trevisan e com a obra dele?

□ Conheci Dalton Trevisan quando eu ainda era um adolescente, candidato a escritor, e frequentador da Boca Maldita, a região dos cafés, no centro de Curitiba,

no final dos anos 60. Ficava ali na roda dos escritores e jornalistas (Jamil Senege, Walmor Marcelino, Luiz Geraldo Mazza, Nego Pessoa, Fábio Campana), peruando e ouvindo conversa. O Dalton aparecia lá frequentemente. Estava começando a surgir no cenário nacional, com seus dois livros impactantes, “Cemitério de elefantes” e “Novelas nada exemplares”. A vida girou e durante quase 30 anos eu nunca mais vi o Dalton, até reencontrá-lo na Livraria do Chaim, em frente à Reitoria (onde fica o curso de Letras da Federal do Paraná), aqui perto de casa. Na verdade, somos vizinhos, mas distantes, à maneira curitibana. Nas raríssimas vezes em que nos encontramos, é claro que conversamos. Mas prefiro respeitar a solidão dele. Já escrevi sobre seus livros e sou um grande admirador de sua literatura, que é uma referência obrigatória no panorama brasileiro dos últimos 50 anos.

■ Num ensaio, J.M. Coetzee disse concordar com V.S. Naipaul, para quem o romance atingiu o apogeu no século XIX e para quem “escrever romances impecavelmente trabalhados em nossos dias é entregar-se na verdade a uma arte de antiquários”. Concorda com eles? Sente-se praticante de uma arte antiga restrita a iniciados? Para onde vai essa arte?

□ Esse é um tema fascinante. Mas penso que se deve separar o conceito composicional de “romance” (formas típicas de épocas diferentes, como o romance de cavalaria, o romance epistolar, o romance “burguês” do século 19, o policial, etc.), da linguagem romanesca, que é imemorial e vive se reinventando. A linguagem romanesca é inesgotável, e genericamente falando, o romance está mais vivo do que nunca; é o gênero do nosso tempo, por excelência, o único com maleabilidade camaleônica, capaz de conversar sobre absolutamente tudo, sempre sob uma perspectiva ficcional. Mas não quero me estender mais: a vitalidade do romance é justamente um dos temas centrais do livro que estou terminando.

## A FICÇÃO DE CRISTOVÃO TEZZA

→ *Beatriz*. Contos. Editora Record, 2011.

→ *O Fotógrafo*. Romance. Editora Record, 2004.

→ *Juliano Pavollini*. Romance. Editora Record, 2010.

→ *Trapô*. Romance. Editora Record, 2007.

→ *O Fantasma da Infância*. Romance. Editora Record, 2007.

→ *Aventuras Provisórias*. Romance. Editora Record, 2007.

→ *Breve Espaço entre Cor e Sombra*. Romance. Editora Rocco, 1998.

→ *Uma Noite em Curitiba*. Romance. Editora Rocco, 1995.

→ *A Suavidade do Vento*. Romance. Editora Rocco, 2003.

→ *Ensaio da Paixão*. Romance. Editora Rocco, 1999.

→ *A Primeira Noite de Liberdade*. Conto. Fundação Cultural de Curitiba & Ócios do Ofício Editora, 1994.

→ *O Terrorista Lírico*. Romance. Curitiba: Criar Edições, 1981.

→ *A Cidade Inventada*. Contos. Curitiba: Coeeditora, 1980.

→ *Gran circo das Américas*. Romance. São Paulo: Brasiliense, 1979.

Fonte: site oficial do escritor (www.cristovaotezza.com.br)